



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA EDUARDA RODRIGUES VERAS

SEXISMO NA PROFISSÃO DE EDUCADOR INFANTIL

UM ESTUDO DA DOCÊNCIA

PICOS-PI

2023

MARIA EDUARDA RODRIGUES VERAS

SEXISMO NA PROFISSÃO DE EDUCADOR INFANTIL
UM ESTUDO DA DOCÊNCIA

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Federal do
Piauí, como requisito para obtenção do grau
de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Nilton Ferreira
Bittencourt Junior

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V476s Veras, Maria Eduarda Rodrigues

Sexismo na profissão de educador infantil : um estudo da docência [recurso eletrônico] / Maria Eduarda Rodrigues Veras - 2023.

39 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB

Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura em Pedagogia, Picos, 2023.

“Orientador : Dr. Nilton Ferreira Bittencourt Júnior ”

1. Docência infantil. 2. Sexismo. 3. Educação infantil. 4. Docência. 5. Educação básica. I. Bittencourt Júnior, Nilton Ferreira. II. Título.

CDD 370.71

Emanuele Alves Araújo CRB 3/1290



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
COORDENAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos trinta e um (31) dias do mês de março de 2023, às 14:00 h, no formato on-line pela plataforma Google meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a defesa de Monografia de **MARIA EDUARDA RODRIGUES VERAS**, sob o título **“SEXISMO NA PROFISSÃO DE EDUCADOR INFANTIL UM ESTUDO DA DOCÊNCIA”**

Banca constituída pelos (as) docentes:

Prof. Dr. Nilton Ferreira Bittencourt Junior. Universidade Federal do Piauí	Orientador
Profª. Drª Maria das Dores Sousa Universidade Federal do Piauí	Examinadora
Profª Drª. Olivia Candeia Lima Rocha Universidade Federal do Piauí	Examinadora

Deliberou pela **APROVAÇÃO** da candidata, tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe média aritmética de **8,5**.

Picos (PI) 31 de março de 2023.

Documento assinado digitalmente
gov.br NILTON FERREIRA BITTENCOURT JUNIOR
Data: 03/07/2023 18:16:47-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Orientador: _____

Examinador *Maria das Dores de Sousa*

Examinador *Olivia Candeia Lima Rocha*

Dedico esse trabalho a toda minha família, em especial a minha mãe Flázia, minha avó materna Cleide, aos meus irmãos Amanda, Cauê e Daví, a minha sobrinha Maytê e meu maior apoiador e companheiro querido, meu noivo Rodrigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ser meu sustento todos esses anos , foi através da minha fé que o senhor me sustentou de pé todos os dias, obrigada por toda força e por todo acolhimento todas as vezes que visitei a vossa casa em busca de soluções para os problemas que já enfrentei, sou grata por ser tão amada por ti, Senhor.

Agradeço a mim mesma também por nunca desistir de meus objetivos, fui ensinada desde cedo a ser forte e a correr atrás do que eu almejava, sou imensamente feliz e satisfeita por ter me tornado uma mulher forte e que está disposta a enfrentar todos os desafios que se puserem contra mim .

À minha mãe, a pessoa mais importante da minha vida, meu exemplo de determinação e força, uma mulher integra e que me ensinou o valor da educação e do trabalho duro, eu te venero, Dona Flázia Maria Rodrigues Sousa! Te Amo e te respeito hoje e todos os dias da minha vida.

Minha avó materna, Dona Cleide Maria Rodrigues, eu jamais encontrarei palavras para descrever o quanto a senhora é importante para mim e o quanto eu admiro a tua força e alegria de viver, apesar de todos os problemas que já enfrentou, se matém de cabeça erguida e com o sorriso mais doce de todos nos lábios. Obrigada por me mostrar que a vida pode ser boa apesar de tudo.

Meus irmãos Amanda Suelen, Lucas Cauê e Davi Lucas, sangue do meu sangue, a minha irmã e minha cara metade eu agradeço por dividir a infância comigo, por crescer e evoluir ao meu lado e por me mostrar que eu sou capaz, meus irmãos Cauê e Davi, eu os amo com todas as minhas forças e sempre estarei aqui para o que precisarem. Agradeço a Deus por me permitir ter vocês.

À minha querida sobrinha e afilhada, Maytê Rodrigues Silva, que com apenas 3 anos de vida já mudou completamente o sentido da minha vida e me mostrou um significado mais profundo do amor, Titia madrinha ama muito você e agradece por toda retribuição desse amor.

Meus Pais Antonio Edilson e José Giscar, obrigada por fazerem parte dos meus dias e por todo acolhimento que recebi, ao meu pai biológico Edilson, eu agradeço por me dar a vida e por me socorrer sempre que precisei, eu te amo. Ao

meu padrasto e pai de coração, José Giscar, obrigada por me criar e por está sempre presente na minha vida.

A meu amado noivo, Dr. Marcos Rodrigo Santos, eu te agradeço por está sempre ao meu lado e por dedicar os últimos 7 anos de sua vida a me apoiar e me consolar nos momentos mais difíceis, obrigada pelas apostilas que você comprou para que eu pudesse estudar e realizar o meu sonho de conseguir o meu diploma de Ensino superior, por ser tão presente e por nunca soltar minha mão, te amarei eternamente.

Aos meus demais familiares eu agradeço por todas as palavras de confiança depositadas em mim durante toda minha vida, em especial a meu primo Ellky e sua esposa Elayne que são como irmãos para mim, minhas tias Valquiria, Janiele, Valdirene e meu tio Valdir, jamais esquecerei de tudo que já fizeram por mim e por estarem sempre na torcida pelo meu sucesso.

Meus queridos amigos de toda uma vida, eu agradeço por todos os momentos maravilhosos que passamos juntos, estarão sempre no meu coração, em especial agradeço as minhas três melhores amigas Fabricia Maria da Silva Xavier , Rebeca Gomes Santos e Maria Silvanete Pereira , vocês são maravilhosas. E não poderia deixar de ressaltar os presentes que a universidade me deu, Maria Roberta, Rafael Leal e Luzimeire Vieira, obrigada por serem tão companheiros, que nossa amizade dure pra sempre.

E por fim, gostaria de agradecer a todos os meus queridos professores da Universidade Federal do Piauí que contribuíram não só para minha formação acadêmica como para a minha formação humana, lembrarei eternamente de todos os meus mestres e seus ensinamentos que fizeram com queo meu amor pela pedagogia só aumentasse cada vez mais.

Em especial ao meu querido orientador Dr. Nilton Ferreira Bittencourt Júnior, obrigada por toda paciência e por enfrentar esse desafio comigo .

“Diante do medo, seja do que for, é preciso que, primeiro, nos certifiquemos, com objetividade, da existência das razões que nos provocam o medo. Segundo, se existentes, realmente, compará-las com as possibilidades de que dispomos para enfrentá-las com probabilidade de êxito. Terceiro, o que podemos fazer para, se for o caso, adiando o enfrentamento do obstáculo, nos tornemos mais capazes para fazê-lo amanhã.”

(Paulo Freire, 1997)

RESUMO

A presença das mulheres na educação infantil sempre pode ser notada nas instituições de Ensino piauienses, algo tão constante que chega a ser considerado como regra pelo senso comum. Por outro lado os homens, quando presentes nesses ambientes quase sempre estão ocupando cargos que não estão ligados à docência propriamente dita. Ou seja, nos serviços de vigia, coordenação, ou assistentes. A pesquisa bibliográfica exploratória aqui apresentada teve o objetivo de identificar em que tempo e momento da história esses papéis se definiram na sociedade. Assim, destacamos pontos importantes para a compreensão da temática no contexto histórico, questões sociais e psicológicas que afetam não só a decisão dos homens em seguirem as carreiras de docência infantil, como também os pais e responsáveis em enxergar mais confiança sobre o cuidado e a educação das crianças em profissionais do sexo feminino. A sociedade brasileira ainda carrega consigo muitos estigmas em relação aos lugares de homens e mulheres nas áreas de atuação profissional, principalmente nas carreiras de magistério. Sendo assim, esse trabalho, escrito pela mente inquieta de uma futura pedagoga, apresenta dados estatísticos que comprovam que não apenas na educação infantil, como também em outras etapas da educação básica, há uma maioria gritante no número de professores e professoras atuantes e para além disso os fatores que explicam porque esse fenômeno ocorre.

Palavras-chave: Sexismo. Professor infantil. História da educação. Docência .

ABSTRACT

The presence of women in early childhood education can be always noticed in educational institutions in Piauí, something so constant that it is considered a rule by common sense. On the other hand, men, when present in these environments, are almost always occupying positions that are not linked to teaching strictly speaking. That is, in the watchman, coordination, or assistant services. The exploratory bibliographical research presented here aimed to identify at what time and moment in history these roles were defined in society. Thus, we highlight important points for understanding the theme in the historical context, social and psychological issues that affect not only the decision of men to follow careers in teaching children, but also parents and guardians in seeing more confidence in care and education of children in female professionals. Brazilian society still carries with it many stigmas in relation to the places of men and women in professional areas, especially in teaching careers. Therefore, this work, written by the restless mind of a future pedagogue, presents statistical data that prove that not only in early childhood education, but also in other stages of basic education, there is a striking majority in the number of active teachers and for in addition, the factors that explain why this phenomenon occurs.

Keywords: Sexism. Early childhood teacher. History of education. Teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CSHNB – Campus Senador Helvidio Nunes de Barros

EBC – Empresa Brasil de Comunicação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LDB – Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

INEP - Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

UESPI – Universidade Estadual do Piauí

UFPI – Universidade Federal do Piauí

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Docentes homens e mulheres 2007 a 2016.....	31
Gráfico 2: Faixa etária dos professores da educação básica no Brasil até 2016....	31
Gráfico 3: Os 20 maiores cursos em número de matrículas por gênero no ano de tt2018.....	3

3

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Desenvolvimento	15
2.1 História da educação infantil	15
2.2 O papel das mulheres na criação de crianças e Educação infantil na história.....	19
2.3 A afetividade na infância	22
2.4 O papel do homem na criação dos filhos e educação das crianças na história	25
2.5 Professores e Professoras, uma análise estatística	28
3. Conclusão.....	34
Referencias bibliográficas.....	36

1. Introdução

No Brasil, no decorrer da história da Educação, percebe-se a maioria feminina em relação aos professores na Educação infantil. Nos dias atuais ainda é algo bastante perceptível aos olhos da sociedade, como também nas instituições de ensino. É comum associar esse fato ao de que a mulher, historicamente, possui a imagem de cuidado, paciência e carinho e sendo assim as mais indicadas para ocupar esses cargos.

Quanto a um dos espaços de trabalho, as salas de aula da Educação infantil têm se constituído com hegemonia feminina. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira a Educação Infantil é:

art. 29: primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996)

Esse complemento da ação da família pode está relacionada a crença de que as mais indicadas ao trabalho com crianças pequenas, seriam as mulheres que estariam em contato com os pequenos atendidos em:

art. 30: I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de quatro a seis anos de idade.

Enquanto que o homem, visto como uma figura autoritária, forte e másculo, quando decide seguir a carreira de professor, principalmente infantil, automaticamente tem sua sexualidade colocada em questão.

Podemos relacionar estas lutas as questões de gênero, e que estão em pauta atualmente. Essas, na maioria das vezes, relacionadas a direitos, reconhecimento da sexualidade e papéis na sociedade, no que se refere a emancipação das mulheres. Nesse caso que estudamos, trata-se de um aspecto de discriminação masculina em certos ambientes educacionais. Sendo assim, tais fatos farão parte da discussão como fundamentação da temática. Mas não basta aqui, apresentar dados sobre essa desigualdade de cargos e interesse pela educação infantil. É necessário investigarmos a fundo, de onde surgiu a ideia de que homens não estão aptos a ocupar posições no cuidado e educação de crianças pequenas.

Muito se especula sobre as possíveis causas que podem levar a essa carência

de homens na educação infantil, dentre elas; a remuneração, questões históricas e morais que envolvem a sexualidade (assédios), que permanecem até os dias atuais, e a falta de sensibilidade (cuidado afetivo) na figura masculina, dentre outras.

O objetivo dessa pesquisa, foi investigar os aspectos históricos em que esses papéis se definiram e porque, nos dias atuais, ainda persiste essa ideia. Além disso, para conferir atualidade à questão, investigar as motivações de escolha de curso e campo de trabalho dos egressos do curso de pedagogia; e também trazer questões norteadoras para o processo de formação profissional docente e o exercício do fazer pedagógico.

Neste sentido buscamos aprofundar em questões que envolvem o magistério nas séries iniciais, já que, fazendo uso das palavras de Paulo Freire (1997, p. 9) “O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil.”, ao contrário do que acredita o senso comum ao menosprezar o magistério.

Para realização desta pesquisa, de natureza bibliográfica, inicialmente foi feita uma revisão exploratória da literatura. A intenção era saber se já existiam estudos sobre a questão proposta. Nesta revisão foram feitas buscas no site da scielo, com as palavras chave “Sexismo e educação”, “Docentes na educação infantil”, “Mulheres professoras”, “Educação infantil brasileira” e “Educação e gênero”. Estas palavras chave foram definidas como norteadoras para a busca inicial. O recorte de tempo para esta pesquisa foi o período de 1930 a 2022.

Foram feitos levantamentos em sites oficiais do Ministério da Educação- MEC; documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular- BNCC e dados oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira- INEP a fim de embasar a discussão apresentando dados estatísticos que comprovaram as hipóteses levantadas inicialmente.

Nessa revisão exploratória foram lidos, inicialmente, os títulos das dissertações, teses, artigos e livros que serviram de fundamentação, sendo por vezes excluídos alguns, por evidente distância com o tema delineado. Em seguida foram lidos os resumos e, em número menor de casos, foram lidos trechos da introdução e da conclusão. Examinou-se com grande atenção a listagem de referências.

Considerando as palavras chaves “educação e gênero”; “sexismo e educação”; “mulheres professoras”, foram identificadas diversas teses sobre a temática. Uma

obra relevante que destacamos é o livro intitulado: *Trabalho docente, classe social e relações de gênero* de Daniel Ribeiro Mill, uma obra completa que trata de diversos fatores sociais relacionados ao tema e que proporcionou reflexões pertinentes a proposta desse trabalho.

Outra obra foi o livro intitulado *História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX* do autor Pedro Vilarinho Castelo Branco. O autor faz um estudo das origens das concepções do homem no sertão nordestino e suas diversas implicações nos fatores sociais e educacionais no final do século XIX e início do século XX.

Os artigos de Jaqueline Delgado Paschoal e Maria Cristina Gomes Machado: *A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional*; Denise Bernardi: *Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos* e Erica da conceição: *A presença do educador do sexo masculino na educação infantil*, foram responsáveis pela construção do contexto histórico e fundamentação do exposto.

Nubea Rodrigues Xavier e Bianca Camacho de Almeida em seu artigo publicado na revista Horizontes, intitulado *Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina*, tratam das práticas educacionais presididas por homens na educação infantil e básica, apontando os percalços, potencialidades através de uma rica exposição histórica e atual dos fatos.

E para aprofundar a pesquisa foram usadas as obras de Alessandra Arce intitulada *Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil* e José Edilmar De Sousa em sua obra *por acaso existem homens professores de educação infantil?": um estudo de casos múltiplos em representações sociais*, as mesmas tratam dos mitos existentes na sociedade em relação aos papéis de professoras e professores, levando em consideração características específicas que lhes foram atribuídas com o decorrer da história da educação infantil brasileira, fundamentando-se em documentos oficiais.

Henry Wallon em suas obras sobre a *A psicologia genética e a psicologia da educação* que tratam do desenvolvimento infantil em seus diversos aspectos sociais, norteou sua pesquisa para as questões emocionais do processo de aprendizado na relação professor e aluno, destacando a presença do afeto como processo indispensável na educação de crianças pequenas. A última obra visitada e revisitada

diversas vezes durante a produção deste trabalho e que não poderia deixar de estar entre a bibliografia da temática envolvendo as questões de gênero na docência foi o livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* de Paulo Freire, que trata do status das professoras e da seriedade de sua profissão além de seu lado feminino, desmistificando a figura da professora vista como *tia* nas escola de ensino infantil, principalmente e defendendo a ideia do cuidado como uma parte fundamental do ensino infantil sem a necessidade do parentesco para fazê-lo.

Sendo assim, este trabalho foi estruturado em cinco seções, a primeira trata da história da educação infantil no Brasil, enquanto que o segundo aborda o papel das mulheres na Educação infantil e cuidado de crianças pequenas, já a terceira seção trata da visão sobre a afetividade na criação e educação dos pequenos, em contrapartida foi elaborado a quarta seção que trata do papel do homem nos processos que envolvem a educação primária e por fim, a quinta foi elaborado com o intuito de apresentar dados estatísticos sobre os fatos, afim de validá-los.

Destacamos ainda que neste trabalho usamos o termo “ensino infantil” referindo aos anos iniciais de escolarização, oficial (primário) e não oficial (creches e jardim da infância) antes de 1996, quando a LDB definiu a primeira etapa da educação como a etapa que tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança, processo definido por Libâneo, Tardif (2002, p.31) como “o conjunto de processos de formação e de aprendizagem elaborados socialmente”.

2. Desenvolvimento

2.1 A história da educação infantil no Brasil

Antes de iniciar a apresentação dos fatos é prudente relembrar de forma breve os caminhos percorridos pela educação infantil no Brasil e seus percalços, levando em consideração os principais objetivos dessa etapa da educação infantil no passado.

Foi por meados do século XIX, na sociedade contemporânea que a educação infantil passou a ser considerada como uma parte da escolarização onde as crianças deveriam ser educadas em outros ambientes, além do familiar.

Até então, acreditava-se que as crianças pequenas deveriam estar em contato com suas famílias, principalmente suas mães, para que estas pudessem conhecer o seu mundo e sua cultura, sem levar em consideração aspectos de outras realidades.

Além disso, durante muito tempo as mães solteiras, que tinham seus filhos e precisavam criá-los sozinhas. Estas situações ocorridas por gravidezes indesejadas, forçavam até providências desesperadas para que seus deslizes não fossem descobertos e criticados pela sociedade em que viviam. Por não serem casadas¹, essas mães muitas vezes se viam obrigadas a tomar atitudes, como por exemplo abandonar o recém-nascido. Neste período institucionalizou-se as rodas dos expostos:

ou roda dos excluídos (1825 – 1961). Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. (PASCHOAL; MACHADO, 2009. p. 81-82)

Esta era uma das formas mais comuns que deram origem à necessidade de uma puericultura institucional, como por exemplo os orfanatos. As crianças eram entregues aos cuidados da instituição de forma permanente, estes na maioria das vezes dirigidos pela Igreja Católica, como uma instituição de caridade, presididos por padres ou *freiras*. Nos orfanatos as freiras eram mulheres que muitas vezes foram obrigadas a seguirem o caminho religioso por suas famílias, assim como também rapazes, que eram direcionados aos seminários.

Havia também outras instituições que necessitavam da puericultura. Trata-se das creches, onde as crianças passavam apenas parte do dia, com uma estrutura assistencialista e não educacional². Surgidas no século XIX na Europa e implantadas no Brasil apenas a partir do século XX, estas instituições veem acompanhando os processos de industrialização. A educação infantil como conhecemos hoje não existia, pois, as crianças, em geral, ficavam no meio familiar até a idade escolar de sete anos. Também nessa época, a maior parte da população Brasileira residia no meio rural, o que dificultava ainda mais as mudanças no processo de socialização com outras culturas e costumes. Mas o que transformou essa realidade? Segundo Conceição, 2018:

¹ e quando eram vindas de famílias mais abastadas, estas vislumbravam um casamento arranjado com pessoas de boas famílias e não por amor, nessa época a paternidade não era reconhecida/cobrada dos homens.

² Pois só cuidavam das crianças, sem preocupação com a educação.

A educação começou a mudar a partir da revolução industrial como já foi mencionado, dando assim surgimento às creches, maternais, escola e jardins de infância que apareceram com o objetivo assistencialista, que tinha como foco cuidar somente da alimentação, higiene e cuidados físicos da criança. (p. 26)

Por conta dessa necessidade assistencial das creches o termo puericultura, foi utilizado pela primeira vez no Brasil pelo pediatra Carlos Artur Moncorvo Filho (1871-1944) nos finais do século XIX e início do século XX. E tem seu significado relacionado a: criação/cultura, criança, e ganhou muita atenção, tendo seu principal foco na saúde da criança. Atualmente está diretamente ligado ao desenvolvimento infantil. O aparecimento desse termo constituiu uma grande revolução na educação do país, já que a partir daí, ouviram-se os primeiros rumores que tornaram realidade o *cuidar* como processo indissociável do *educar* no Ensino infantil.

Sendo assim, como já citado, mesmo no início do processo de industrialização da sociedade brasileira, as primeiras creches e jardins de infância não tinham o intuito de educar, mas sim de cuidar das crianças enquanto seus pais e responsáveis saíam de casa para garantir seus sustentos ou até mesmo para a retirada das crianças tidas como delinquentes do seio das ruas.

No Brasil, por exemplo, a creche foi criada exclusivamente com caráter assistencialista, o que diferenciou essa instituição das demais criadas nos países europeus e norte-americanos, que tinham nos seus objetivos o caráter pedagógico. Essas diferenças exigem que seja analisada na sua especificidade, para que se possa compreender a trajetória desse nível de ensino no caso brasileiro e na relação que estabelece com o contexto universal. (PASCHOAL; MACHADO, 2009. p. 81-82)

Apenas a partir da Constituição Federal de 1988 foi que a criança passou a ser reconhecida oficialmente como ser social e que necessitava de uma educação pública e de qualidade. Antes, só havia oferta desta modalidade àquelas vindas de famílias mais abastadas ou que participavam de programas desenvolvidos pelas igrejas e instituições filantrópicas.

Neste contexto a mulher esteve à frente dessa missão. Porém, costumeiramente ouvimos que, as mulheres eram preferidas nas salas de aula por serem ligadas ao ideal de mãe de família, dona de casa, cuidadora, aquela responsável pela criação dos filhos e mantimento do bom funcionamento das atribuições domésticas. Numa análise superficial, estas características são determinantes para a preponderância feminina frente as classes de Educação infantil

desde o início até os dias atuais. Ao contrário do que o senso comum acredita, Bernardi (2017) em suas pesquisas aponta que:

No século XVI o cuidado com os filhos era atribuído a terceiros, desse modo, a criação das crianças era compartilhada pelo grupo (...) após atingir uma certa idade as crianças eram entregues, muitas vezes, a pessoas desconhecidas para prestar serviços domésticos ou aprender algum ofício(...)durante o século XVII a mulher e as crianças eram pouco valorizadas. Neste período, assim que as crianças podiam prescindir dos cuidados das amas, elas passavam à condição de adultos, havendo pouca manifestação de afetividade entre pais e filhos. A partir do século XVIII, houve mudanças no modo de ver as crianças, assim, elas passaram a ser reconhecidas e diferenciadas (...) desenvolveu-se assim um novo olhar acerca do cuidado, enfatizando a devoção e a presença vigilante de cuidadores como essenciais para o bem-estar da criança. (p. 62-63)

Podemos ver nos estudos de Bernardi, que historicamente as características dóceis e afetivas não eram consideradas para definir um(a) cuidador(a) para os pequenos. Aliás, não se exigia característica alguma, apenas disponibilidade de tempo. A preocupação com o cuidado e características para tal começou-se a ser destacada a partir do século XVIII com o desenvolvimento das ciências voltadas ao desenvolvimento infantil. Estas funções eram realizadas anteriormente por mulheres, mesmo que não fossem as mães, eram as chamadas Aias³, Tutoras e etc... mas sempre com a presença feminina. Estes sim, histórico das mulheres preponderante no cuidado das crianças.

Em relação à docência feminina no Brasil, os dados disponíveis expõem apenas a partir da década de 1930 pois, as informações antes dessa época são bastante desagregadas e indiretas, tornando-as inconsistentes para serem apresentadas. Os anos 1930 produziram um fecundo debate em torno das questões educacionais. Diante de projetos antagônicos a respeito da construção da nacionalidade, a educação era valorizada por ambos como indispensável para a modernização do país. Nessa época, que constituiu um grande marco no curso de Pedagogia, a educação era concebida de uma função redentora após o primeiro governo de Getúlio Vargas. (MANCHOPE et. al. 2004).

De acordo com os dados encontrados, a história relata uma diferença gritante no século passado em relação aos homens e mulheres na educação, tanto primária, quanto nos anos do ensino fundamental, estas também relacionadas ao

³ preceptora encarregada da educação doméstica das crianças de famílias nobres ou ricas

desenvolvimento social. Segundo Hypólito (2001):

Em 1935, quando o processo de industrialização no Brasil já estava se desenhando, quando a urbanização se acelerava e o processo de escolarização já atingia amplos setores da população (...) mais de oitenta por cento dos membros do magistério eram mulheres. O crescimento foi acelerado: em 1940 o número de mulheres professoras já ultrapassava o índice de noventa por cento (90,4%), atingindo em 1948, 93,3%. Esse percentual se mantém na faixa dos noventa pontos até final dos anos 50, chegando nos anos 70 à marca de 98,8% (...) na década de 80 esse percentual cai para 96,2% (...) nos anos 80 as professoras são 86,6% no magistério em geral, 99% no Ensino Pré-escolar e 96,2% no Ensino de 1º grau. (p. 66-67)

O crescimento das escolas acompanha então o processo de urbanização e industrialização brasileiro, trazendo novas oportunidades de emprego tanto para homens nas indústrias e carreiras militares, dentre outras, como para as mulheres. Aquelas formadas nos cursos normais eram habilitadas a lecionar nas series iniciais. A partir da segunda metade do século XX, a formação dos indivíduos tinha foco no desenvolvimento do país e o planejamento educacional, proposto por economistas, com o intuito de formar o chamado “capital humano”, não valorizando a criticidade e o real poder da educação dos indivíduos.

Por isso na atualidade, resquícios do assistencialismo na educação infantil ainda podem ser verificados. Ainda é muito comum encontrar creches e pré-escolas que tem seus horários de funcionamento apenas pela manhã. Como exemplo de cidades pequenas de todo o país, em especial o município de Francisco Santos- PI onde a primeira etapa da educação básica é ofertada, em todas as escolas da rede pública e privada de ensino, exclusivamente no horário matutino, das 07:00 as 11:15 da manhã, na parte da tarde são ofertados os finais do ensino fundamental.

2.2 O papel das mulheres na criação de crianças e Educação infantil na história

O cuidado e a criação dos pequenos sempre estiveram relacionados com a figura da mulher, sendo elas responsáveis por gerar e garantir que os filhos fossem adultos bem criados e cheios de virtudes aos olhos da sociedade. Por outro lado, quando se falava em educação, no início da colonização das terras Brasileiras e durante muito tempo, esta foi presidida por homens da ordem católica, os padres

jesuítas⁴. Com o passar do tempo as mulheres começaram a ocupar espaço na educação, mas como tutoras, nesses processos de ensinar as meninas mais sobre comportamentos, estes usados para que elas fossem bem vistas pela alta sociedade.

As freiras, exemplo de mulheres que aspiravam perfeição e que procuravam fugir dos pecados mundanos isolando-se em conventos, estiveram sempre a frente das entidades religiosas, porém não receberam o devido reconhecimento ou educação fora da ideologia da Igreja Católica, marcada pelo patriarcado desde o surgimento.

Essas mulheres, que sempre fizeram trabalho assistencialista junto aos sacerdotes, eram as principais responsáveis pelos orfanatos e abrigos, instituições de caridade mantidos pela igreja. Nestes ambientes em que as crianças que não eram desejadas por diversos fatores, recebiam os cuidados das mulheres que renunciaram ao mundo para seguir o caminho da pureza e da caridade. Segundo Brito e Aras, 2017:

Os principais valores cultivados na vida religiosa tradicional eram: obediência total aos superiores; a humildade, confundida muitas vezes com humilhação, para se alcançar a perfeição; a negação do corpo e da sexualidade; e o esquecimento de si para melhor servir à Igreja sem nada contestar ou questionar. Entretanto, registram-se situações em que esses valores não foram cultivados, sobretudo por mulheres que, por diversos motivos, foram forçadas a assumir a vida religiosa. (p.2)

E apesar das Madres serem as responsáveis por dirigir esses ambientes, ainda contam sempre com a presença de um sacerdote, um homem que é responsável por vigiar e supervisionar o trabalho das irmãs nas instituições. Qualquer contravenção destas, são devidamente julgadas e punidas pela instituição. Este rigor acabava formando atitudes que se refletiam nos castigos aplicados nas crianças de suas responsabilidades, que apresentavam comportamentos rebeldes.

Essa perfeição buscada pela igreja se refletiu nas mulheres desde o início dos tempos. O exemplo da Virgem Maria, a menina pobre e virgem que foi escolhida por Deus para trazer ao mundo o filho unigênito, a obediência cega de uma jovem que não contesta as vontades do altíssimo.

Com o surgimento do movimento iluminista (Séc. XVII e XVIII) e a valorização

³ membros da companhia de Jesus, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola, conhecidos por seus trabalhos missionários e educacionais.

da razão em detrimento da religião, os ideais passaram por uma importante mudança, valorizando os seres humanos e a ciência como caminho para a evolução da humanidade. Esse pensamento abriu portas para expressão de novos pensamentos e movimentos críticos.

Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), foi uma famosa romancista Francesa do século XVIII que fugia completamente aos padrões da sociedade da época, e precisou fazer uso de um pseudônimo George Sand para que suas obras fossem publicadas e respeitadas. Por conta de seus escritos eróticos, suas vestimentas e sua forma de viver, a escritora foi bastante criticada e rejeitada. Em suas obras ela fazia questão de causar um certo terror nos homens ao feminilizá-los, apontando traços de comportamentos e comparando-os com mulheres, ela se vestia de forma inapropriada para a época. Enquanto que as mulheres usavam grandes saias com suas anáguas, ela usava calças e camisas e fazia questão de fumar em público, o que claramente não era bem visto. Além disso, era uma mulher divorciada e que se envolvera durante sua vida com vários homens, além de não ser muito ligada à igreja. E em uma de suas frases mais conhecidas ela afirma que “A infelicidade mostrou-me, pouco a pouco, outra religião bem diferente da religião ensinada pelos homens.” (Frazão, 2021)

Com o passar dos anos, as mulheres estiveram travando lutas para ocupar lugares na sociedade que não lhes foram vistos como devidos. Estas tentativas incansáveis estavam ligadas não somente ao poder propriamente dito, mas também à mudança do pensamento das pessoas. Durante os últimos dois séculos, mesmo com essas batalhas vencidas, ainda permanecem certos ideais que não condizem a realidade atual, qual seja, a temática deste trabalho. O que nos convida a refletir que esses papéis definidos estão também e principalmente nas mulheres, basta observar a procura pelos cursos de graduação em educação, as salas são compostas quase sempre pela maioria feminina. (Nossa Causa, 2022)

Segundo Mill (2001, p. 60) essa “feminilização do magistério” ocorreu e se consolidou por diversos fenômenos que se apresentam como partes de um mesmo processo, dentre os fatores citados pelo autor estão: a) a consolidação do capitalismo, b) industrialização e c) a urbanização, que trouxeram as mulheres para o mercado de trabalho na mesma época em que os movimentos feministas se consolidavam no Brasil no século passado. Em contrapartida, Sousa (2011, p. 17) acredita que “ no

caso da docência na educação infantil não faz sentido falar em feminização, pois desde o surgimento das instituições de educação infantil, a profissão é composta por mulheres”. No geral, mulheres passaram a ocupar lugares não apenas nas escolas, como em indústrias, hospitais, empresas, dentre outros, em busca de suas rendas. Na educação, as professoras formadas na maioria das vezes nas Escolas Normais⁵, realizavam trabalhos assistencialistas nas escolas infantis que, como já explicitado nesse trabalho, eram vistos como espaços onde as mães trabalhadoras podiam deixar suas crianças por algumas horas enquanto iam trabalhar.

Mas o que dizer de ambientes escolares do estado do Piauí em que, em pleno ano de 2022, ainda são presididos por mulheres, a exemplo do que verifiquei durante o estágio obrigatório na escola municipal creche Dorotéa Cristo de Oliveira no município de Picos-Pi onde o professorado é constituído exclusivamente por mulheres, assim como nas quatro escolas de Ensino Infantil e Fundamental I (anos iniciais) da cidade de Francisco Santos também no Piauí, onde a situação é a mesma. Uma possibilidade é que isso se dá pelo mantimento de certas ideias. Como o imaginário de mulheres puras, temente a Deus e obedientes.

Segundo Paulo Freire (1997):

professora é tia e, quanto mais bem comportada, melhor para a formação de seus sobrinhos, é a que fala claramente de que a escola é um espaço exclusivo do puro ensinar e do puro aprender. De um ensinar e de um aprender tão tecnicamente tratados, tão bem cuidados e seriamente defendidos da natureza política do ensinar e do aprender que torna a escola os sonhos de quem pretende a preservação do *status quo*. (p.13)

Fazendo referência as ideias da pedagogia tradicional, dos padrões de comportamentos a serem seguidos pelas crianças, estes que são repassados pelas mães e *tias*, enquanto que o comportamento masculino, que sempre é visto como indevido por sua falta de sensibilidade, não deveria ser seguido pelas crianças. Este pensamento se estende principalmente aos pais e responsáveis desses alunos, e uma busca pelo padrão imposto pela sociedade que ainda insiste em viver sobre julgamentos ultrapassados, podendo ser relacionados, muitas vezes, aos nossos avós e a tradição brasileira do respeito aos mais velhos e costumes das famílias ditas

⁵ cursos superiores de graduação, na modalidade licenciatura. que tem por finalidade formar professores aptos a lecionar na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Curso técnico, mas de nível médio. Atualmente habilita o professor para lecionar na Educação Infantil. O magistério formava para as séries iniciais até a LDB 9.394/96

tradicionais.

2.3 A afetividade na infância

Os processos de cuidar e educar, integrados são muito associados a questões do afeto e do carinho. Sobre a educação infantil e seus agentes podemos citar que este tema tem grande importância na educação infantil. Previsto na legislação da organização da educação básica brasileira, esse tema está presente na Base Nacional Comum Curricular - BNCC, sendo definido como processos indissociáveis e dois dos três pilares do ensino infantil, junto com o brincar. De acordo com o senso comum, estas são práticas associadas a delicadeza e a maternidade exercidas pelas mulheres em seus papéis de mãe e nem sempre do pai.

É comum ver nos olhos das pessoas certos estranhamentos ao se falar que os pais cuidam tão bem de seus filhos quanto as mães e ao mesmo tempo são notados os mesmos estranhamentos às mulheres que dizem não serem boas com tarefas domésticas. Amandine Aurore Lucile Dupin (George Sand, 1804-1876) causa esses mesmos sentimentos em suas obras publicadas no sec. XIX onde feminilizava homens e masculinizava as mulheres através de seus contos, criando as ideias de “homens amolecidos”. (CASTELO BRANCO, 2008, p.8-10)

Isto posto, questionamos: será que o cuidado necessário ao Ensino infantil pode criar nos homens um medo de serem taxados como afeminados na atual sociedade que ainda transmite diversos discursos sobre a família tradicional e o machismo propriamente dito? Para explicar essa crença, é importante ressaltar que o afeto não está ligado apenas ao amor, geralmente demonstrado por mulheres aos seus filhos, mas as diversas ações que influenciam os seres humanos.

Dentro desse tema Henri Wallon (1879-1962), filósofo e médico Francês exerce influência ao se falar do afeto na educação e desenvolvimento infantil. Isto reforça o argumento que a formação é importante no desenvolvimento deste cuidado. Wallon (2008) acredita que o afeto está diretamente ligado ao desenvolvimento da aprendizagem dos seres humanos. Mesmo que a palavra faça aparente referência ao senso comum, apenas no sentido amoroso, o autor esclarece que o afeto, pode ser representado pelas diversas formas em que um ser possa afetar outro, mesmo que de forma positiva ou negativa.

Para Wallon (2008), a afetividade na educação infantil traz benefícios inúmeros como o respeito, a consideração e principalmente a formação da personalidade, uma vez que, se tratadas com brutalidade, palmadas ou palavrões, as crianças reproduzirão os mesmos comportamentos. Estes comportamentos me remeteram a situações que foram presenciados durante um estágio do curso de pedagogia (UFPI) por duas alunas, colegas de curso. Elas relataram que uma criança, que frequentemente apresentava comportamentos agressivos em sala de aula, proferiu a seguinte frase “Eu bato mesmo, meu pai também bate na minha mãe e ela fica chorando”, com uma certa naturalidade deixando os presentes perplexos.

Deste ponto, o fato de que, na sociedade atual, um professor é referência em sala de aula, nos faz pensar que tipo de criança estaria formando um professor que apresenta comportamentos de cuidado, respeito, carinho, dentre outros? Existem frases muito ditas desde sempre que dizem: “as crianças são esponjas” ou “a criança é um livro em branco”. Mas não é bem assim. Acredito que o verdadeiro sentido da última frase, pode ser levada para o sentido abordado, que seria o da imitação de padrões de comportamentos, que poderiam levar essa criança a ser como seus exemplos.

Segundo Wallon (1975)

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (p.159)

O campo afetivo, assim chamado pelo autor, é formado pelas interações com o meio exterior, formando sua personalidade a partir de suas diversas experiências, seja em casa, na escola ou em outros ambientes, mas não descarta a presença da paixão e carinho pelo fazer docente e pelos alunos que convivem diariamente com os professores. A docência é uma função que exige amor.

Como afirma Freire (1997):

Professora, porém, é professora. Tia é tia. É possível ser tia sem amar os sobrinhos, sem gostar sequer de ser tia, mas não é possível ser professora sem amar os alunos – mesmo que amar, só, não baste – e sem gostar do que se faz. É mais fácil, porém, sendo professora, dizer que não gosta de ensinar, do que sendo tia, dizer que não gosta de ser tia. Reduzir a professora a tia joga um pouco com esse temor embutido – o de tia recusar ser tia. (p.18)

O papel docente não é o de parentesco, mas de um afeto profissional próprio

das relações humanas.

Wallon ainda afirma que a relação familiar bem como a escolar, entre professor e aluno, se interioriza e influencia na formação da personalidade humana, interferindo diretamente no desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele reflete sobre inteligência orgânica afirmando que:

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social. (WALLON, 2008, p.117)

Ao afirmar que o homem é um ser essencialmente social, o autor nos faz entender que o desenvolvimento humano se dá através de experiências sociais e pela convivência com a cultura de seu povo. Isto explica a repetição de padrões de comportamento notadas nas escolas onde as meninas eram ensinadas por mulheres e aprendiam a costura, práticas culinárias, cálculos e gramática de forma superficiais; e os meninos por professores homens aprendiam a postura e conhecimentos de disciplinas que serviriam ao trabalho como a literatura, cálculos avançados, história, filosofia, dentre outros. Nota-se a diferença dos conteúdos de acordo com as obrigações da vida adulta de cada um.

Em uma conversa informal com um professor da rede municipal da cidade de Jaicós-PI, graduado no curso de pedagogia da UESPI e professor de educação infantil, foi possível perceber que os homens são capazes de exercer essa função com maestria quando necessário, sem que haja preconceitos e desconfianças. O docente não mede esforços para fazer da sua sala de aula um ambiente de brincadeiras e aprendizados, em certo momento, durante sua fala em uma apresentação na disciplina de literatura infantil, o professor fez questão de se fantasiar para proporcionar aos alunos de graduação, um momento de brincadeira e descontração, já que para ele “não há prazer maior do que o de ver a alegria nos rostos das crianças de suas turmas”. O que nos convida a refletir sobre os papéis exercidos pelos homens nessa etapa da educação, que tanto exige do lado emocional dos professores e professoras que nela atuam diariamente e com realidades tão diversas do mundo atual. Esta referência a uma fala que presenciei em sala merece uma investigação maior. Trago aqui como exemplo do campo a se pesquisar empiricamente, que devido

ao pouco tempo para execução deste trabalho não pude ainda realizar um aprofundamento, mas que pretendo em uma possível pós-graduação.

2.4 O papel do homem na criação dos filhos e educação das crianças na história

Em relação ao papel do homem na função de educador infantil é pertinente afirmar que, historicamente o homem é visto como o provedor familiar, aquele que tem a função de trazer o sustento da família, muitas vezes não sendo reconhecido como cuidadoso, atencioso ou até mesmo amoroso.

Os homens, historicamente, são vistos como uma figura rígida, forte e bruta, como uma rocha (termo associado a força bruta), aqueles que muitas vezes, mal interagem com seus filhos, sendo temidos e respeitados sem nenhum questionamento.

Por volta do sec. XVI os homens eram levados por inclinações religiosas e culturais a assumirem certos papéis em suas comunidades, dentre eles, se dedicarem aos sacerdócios. Estes por sua vez, acabaram influenciando o liberalismo e manutenção da sociedade, que via o magistério como vocação.

Nessa época o magistério fazia parte das atividades do clero, usando o professor como ferramenta de dominação, uma vez que os conhecimentos adquiridos através da educação era aqueles ofertados pela igreja e pelo rei, sendo reconhecidos como representantes de Deus.

Segundo Xavier & Almeida, (2017):

é preciso lembrar que a Educação como instrução iniciou-se por meio do trabalho masculino, no Brasil, os pioneiros foram os Jesuítas. Aos poucos, com a urbanização e industrialização, os homens foram se afastando do magistério primário, principalmente em busca de melhores salários, além de outros aspectos culturais e sociais. (...) Aliada a crescente necessidade de mão de obra masculina no setor industrial, houve a necessidade de atender a demanda de professoras para o ensino de meninas, trazendo as mulheres em massa para as escolas normais. (p. 112)

Sendo assim, temos o indício que o afastamento dos homens dos cargos de magistério (nas séries iniciais), está relacionada a questões econômicas. Mas ressaltamos investigar também as questões morais, onde homens não eram os considerados capazes para oferecer as meninas os aprendizados, cuidados e/ou até mesmo padrões de comportamentos adequados ao gênero, além do discurso

relacionado aos “poderes” muito utilizado até os dias atuais, como afirma Cardoso (2018):

nesta área existem discursos que se entrecruzam para produzir verdades para exclusão de corpos. Há um processo de produção de mecanismos de normalização, onde há a separação de indivíduos “normais” e “anormais”. E a escola é uma dessas instituições que atuam para a produção do sujeito moderno, do sujeito normalizado, a partir dos procedimentos disciplinares presentes nela. (p.322)

A escola como ambiente de extrema importância na formação dos indivíduos e da identidade dos sujeitos, deve ser um ambiente em que as discussões sobre a sexualidade (e seus papéis sociais), bem como todas as individualidades sejam consideradas e respeitadas. Estes estão presentes nos currículos nacionais da educação brasileira sobre os temas transversais a serem trabalhados na escola.

Mas vale lembrar que a presença masculina na educação de meninos, sempre esteve presente, visto que certos conhecimentos necessários a estes, deveriam ser passados de um para o outro, como os comportamentos “corretos” dos homens.

Apenas a partir do sec. XIX que os homens passaram a abandonar de vez a Educação infantil, tornando essa etapa da educação no século seguinte, uma função realizada quase que exclusivamente por mulheres, relegando os homens a acompanhar os *germens*⁶ do desenvolvimento econômico industrial pelo qual o Brasil estava passando.

Um fator importante identificado e já citado é a questão da visão de poder relacionada a cargos de mais prestígio. Sendo o magistério uma profissão onde os salários sempre foram baixos, e um emprego de meio período, muitas vezes não eram suficientes ao provedor familiar (homem). Assim eles passaram buscar cargos que oferecessem melhores remunerações. Já para as mulheres, era uma forma de garantir uma renda extra para a casa, e sendo um emprego onde as mesmas trabalhavam apenas um período, além de preparar aquelas que ainda não estavam casadas, para o dia a dia cuidando e educando crianças.

Não podemos evitar de ressaltar aqui que existem influências do “mito da maternidade” na história da educação infantil que também contribuem para o afastamento dos homens dessa etapa da educação. Como exemplo, de acordo com Arce (2001) os recrutamentos voluntários realizados pelo ministério da educação na

⁶ é o plural de germen. O mesmo que: raízes, sementes, cicatrículas, embriões, embriões, esporos, fetos, germes.

década de 1970, estavam direcionados as mulheres em sua grande maioria. Em suas análises, Arce cita documentos oficiais que continham um desses recrutamentos diferenciando os cargos por gênero. O nome do documento era *Atendimento ao pré-escolar* e dizia:

No recrutamento é aconselhável que se aceitem elementos do sexo masculino para alguns cargos (administrativos, de serviços gerais e outros), pois considera-se indispensável a presença de homens em programas pré-escolares. Para as atividades que implicam cuidados diretos e ininterruptos com as crianças, é preferível que se recrute mulheres, visando a formação de laços afetivos que permitam a melhor adaptação da criança à unidade pré-escolar, e o seu conseqüente afastamento da mãe. (Brasil, 1977, p.186), apud (ARCE, 2001, p.180).

De acordo com a autora, esses fatores sócio-históricos estão diretamente interligados a esse ato discricionário de funções de gênero. Sendo assim é preciso abandonar a ideia de que isso seja um fenômeno natural, enxergando-o como algo construído pela sociedade, como por exemplo a crença de que os cursos normais “foram criados apenas para as mulheres” (frase dita por uma ex aluna do curso normal moradora da cidade de Francisco Santos-PI em uma conversa informal).

Os cursos normais surgiram no Brasil ainda no século XIX, por volta do ano de 1835, de início na província do Rio de Janeiro e depois se expandiram para o Brasil a fora. Mas em momento algum é mencionado essa questão de gênero. De acordo com o *decreto de criação da escola normal 1835 – nº. 10 Joaquim José Rodrigues Torres, Presidente da Província do Rio de Janeiro*:

Artigo 1º. Haverá na Capital da Província do Rio de Janeiro huma Escola Normal para nella se habilitarem as pessoas, que se destinarem ao magistério de instrução primária, e os Professores actualmente existentes, que não tiverem adquirido a necessária instrução nas Escolas de Ensino na conformidade da Lei de quinze de outubro de mil oitocentos e vinte sete, Artigo quinto. Artigo 2º A mesma Escola será regida por hum Director, que ensinará. Primo: a ler e escrever pelo methodo Lancasteriano, cujos princípios theoricos e práticos explicará. Segundo: as quatro operações de Arithmetica, quebrados, decimaes e proporções. Tertio: noções geraes de Geometria theocrica e pratica. Quarto: Grammatica de Língua Nacional. Quinto: elementos de Geographia. Sexto: os principios de Moral Christã, e da Religião do Estado. (ARATANGY, 2019)

Podemos verificar que a feminilização do magistério foi legalmente incentivada. Por conta dessa ideia e do fenômeno da feminilização do magistério ocorrido com o passar dos anos, a sociedade desenvolveu certas crenças que ainda hoje contribuem

para o afastamento dos homens dos cursos e da atuação profissional no magistério.

2.5 Professores e Professoras, uma análise estatística.

Nessa sessão, vamos destacar alguns pontos que influenciam essa deficiência de professores nos cargos de educação infantil, objetivando apresentar alguma solução e os principais benefícios que a presença masculina na educação pode trazer.

Como já apresentado antes, o homem pode ser uma figura autoritária e rígida. Mas ao mesmo tempo pode também ser uma presença que influencia, dentre outros, a autoestima das crianças, visto que, estas podem encontrar no professor carinho, aconchego e muitas vezes a figura paterna que não tem. Vale ressaltar que, segundo dados da *Empresa Brasil de Comunicação-EBC* (2022), só no ano de 2022, mais de 100.000 crianças foram registradas apenas com o nome da mãe nas suas certidões de nascimento, e isso é uma situação que merece grande atenção.

Algo a ser destacado aqui também são as questões morais que envolvem o cuidado e o medo desenvolvido na sociedade em entregar as crianças ao cuidado de um homem, levando em consideração os crescentes números de denúncias de abuso sofrido por crianças na escola.

Segundo Santos *et. Al*:

Foram identificadas 2.226 notificações de violência sexual ocorrida na escola contra crianças e adolescentes no Brasil, no período de 2010 a 2014. Predominaram vítimas do sexo feminino (63,8%) e de raça/cor de pele branca (51,8%) e negra (46,5%). Houve registro de reincidência de violência em aproximadamente um terço dos casos (34,7%). O tipo de violência sexual mais frequente foi o estupro (60,9%), seguido do assédio sexual (29,7%) e do atentado ao pudor (21,6%). Grande parte das vítimas foi agredida por indivíduos do sexo masculino (88,9%) e por conhecidos da vítima (46%). (2018, p. 4)

Essas situações põem em discussão a integridade e os valores de toda uma sociedade, já que cria a desconfiança desenvolvida nos pais e responsáveis em relação a presença masculina nos ambientes escolares e fora deles. É muito comum encontrar homens em ambientes escolares, mas sempre ocupando outros cargos como vigia, porteiro, cargos de coordenação. Porém, vale lembrar que nestas funções não ficam isolados de relacionar-se com as crianças. E caso haja algum desajustado mental e sexualmente nestas profissões, pode ocorrer uma tragédia.

Outro fator que podemos destacar são as questões financeiras e de poder que

envolvem o magistério, já que é umas das profissões que tem as jornadas de trabalho mais árduas e a remuneração ainda é, na maioria dos Estados Brasileiros, muito baixa, mesmo após a aprovação do piso salarial no ano de 2022.

O abismo salarial, contudo, também se repete por estados. Fontes revela que uma das [situações mais graves ocorre no estado de São Paulo](#), que está entre os 16 que não cumprem o piso salarial dos professores. Aprovada em 2008, a Lei do Piso prevê o pagamento de, no mínimo, R\$ 2.886,24 em 2020. Levantamento do Dieese indica que apenas 11 unidades federativas cumprem a legislação. “Todos os outros estados, inclusive São Paulo, que é o estado mais rico do Brasil, não pagam esse valor mínimo aos professores. Eles têm um salário inicial de carreira menor do que esse. Temos esse descumprimento que, no caso de São Paulo, é constante, mas em outros estados também. O Rio de Janeiro é o que paga o segundo pior piso do professor, de R\$ 1.709,38 para uma jornada de 40 horas. Um professor que trabalha menos horas ganha ainda menos do que isso. Temos uma situação de total descaso em que a lei não é cumprida. E também não existem consequências a esse descumprimento”, contesta o técnico do Dieese na Apeoesp. (ASSUNÇÃO, 2020)

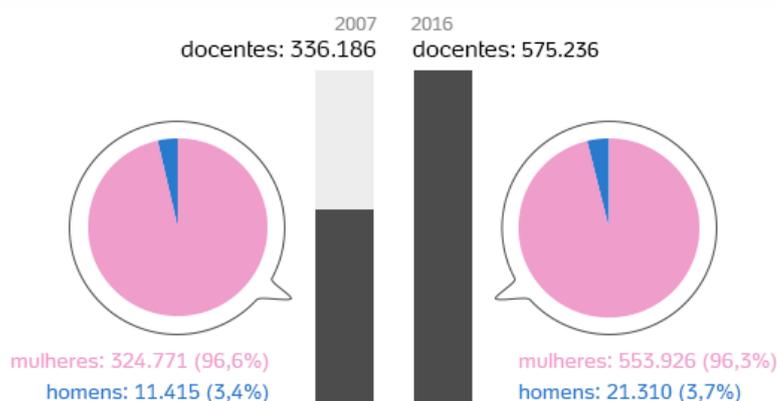
Essa disparidade apresentada em relação aos salários se reflete em números, retomando a ideia dos baixos salários recebidos por mulheres e homens, que explicam a evasão masculina e o mantimento do número de mulheres, tendo seus salários como complemento da renda mensal da família, mas sem impedir que as mesmas ainda sejam dependentes de seus maridos. Além disso os homens carregam consigo estigmas que vão além das questões salariais propriamente ditas que fazem referência à autoestima, como afirma Gatti, 2000:

A relação remuneração/desempenho profissional, embora não linear, é questão que merece atenção e exame, uma vez que ela se associa a 134 aspectos de autoestima e valor social, tendo, com isso, impacto direto na autoestima e, portanto, no perfil do profissional e em suas condições básicas para atuar eficazmente. Interfere nas relações professor-alunos e professor-comunidade. Criar ambientes estimulantes e adequados de aprendizagem é uma das funções dos professores. Em clima de alta frustração e baixa estima, isto se torna quase impossível. Associando-se a isto as deficiências apontadas por eles em sua própria formação, compreende-se o quadro, em geral pouco animador, do clima de trabalho e da qualidade em nosso ensino. (p. 63-64).

Verificamos aí que não são só salários baixos que afastam pessoas da profissão docente. Podemos inferir que as mulheres acabam ocupando como um ‘bico’ funcional para complementar renda familiar, ou por filantropia para aquelas que

não necessitam desta complementação. Vejamos esta distribuição no gráfico a seguir que compara a ocupação das salas de aula por gênero, nos anos de 2007 a 2016:

Gráfico 1



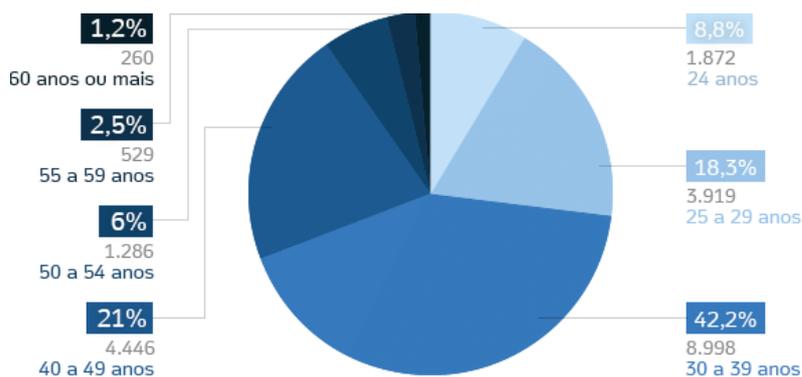
Fonte: Censo da Educação Básica 2007 e 2016, Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)

Arte/UOL

No gráfico aqui exposto é importante ressaltar que mesmo com a evolução da sociedade, mesmo com o aumento da quantidade de professores, a diferença entre gêneros é significativa.

Nota-se que a quantidade de homens na docência foi de 11.415 para 21.310 docentes na educação básica, um crescimento de 0,3%, ou seja, 9.825 professores. Já em relação as mulheres nos cargos do magistério nesse período, em 2007 havia uma quantidade bastante superior de 324.771 professoras, compreendendo 96,6% do professorado brasileiro e no ano de 2016 esse número cresceu significativamente para 553.926 professoras, continuando acima dos noventa por cento. Trata-se de um pequeno aumento no quadro de professores homens, que cabe investigar as razões sociais os quais levaram a esse, mesmo que pequeno, crescimento. Inferimos neste momento que um deste fatores pode ser a aprovação do piso salarial dos docentes da educação básica, aprovada no ano de 2008.

Gráfico 2



* Creche + pré-escola

Fonte: Censo da Educação Básica 2016. Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira)

Arte/UOL

De acordo com o gráfico 2 apresentado a cima, é notável que dentre a faixa etária de homens atuantes na educação infantil é maior nas idades entre 30 a 39 anos, sendo assim, pessoas nascidas entre as décadas de 1970 e 1980, épocas marcadas pelo movimento feminista e ditadura militar no Brasil.

Vale lembrar que também nessa época a educação brasileira sofria grande influência das ideias, revivendo e revendo o movimento Escolanovista (1927-1932), que por sua vez, trazia novos ideais de educação e ensino escolar. Será que tais acontecimentos podem ser associados? Inferimos que sim. Mas como já dito, infelizmente o tempo definido para este trabalho é curto para um maior aprofundamento. Mas descrevemos breves considerações a respeito.

Segundo o censo do INEP realizado em 2017, apenas 3,4 % dos docentes atuantes na educação infantil no Brasil são homens, sendo os outros 96,6% mulheres. Isto acontece por que a “tríade Mulher-mãe-professora” (Aquad, 2006, p.65) se concretizou a ponto de o magistério ser considerado como uma extensão das funções das mulheres na sociedade.

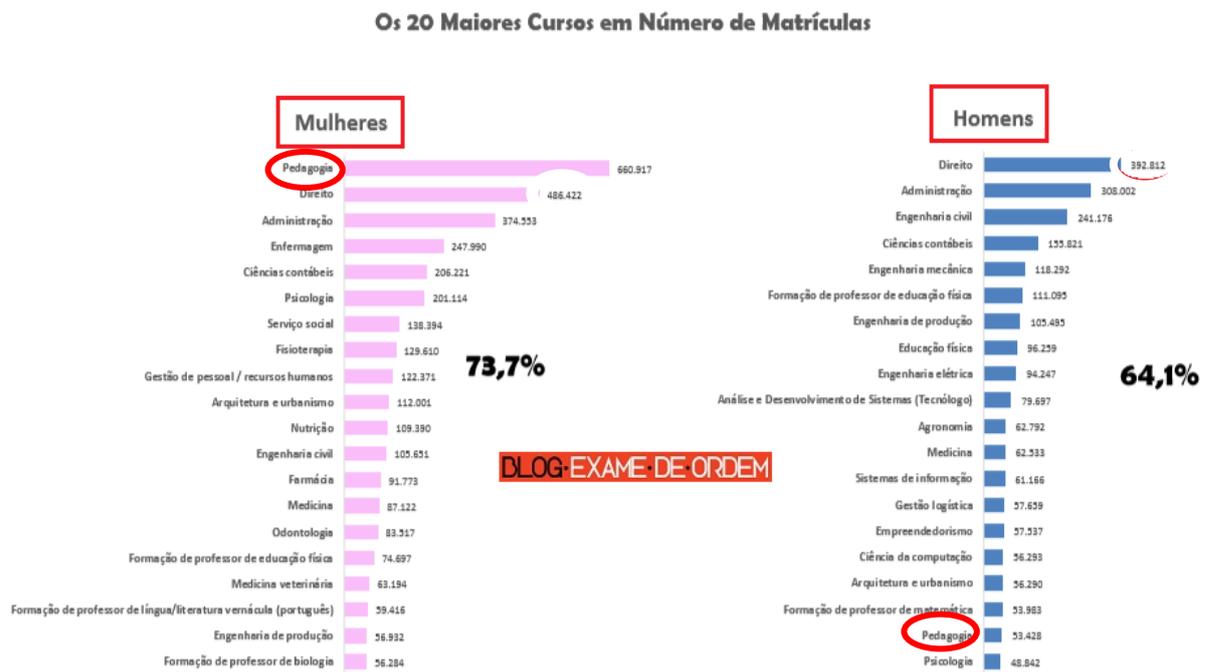
E atualizando essas informações do INEP (2022):

De acordo com o Censo Escolar 2021, 595 mil docentes atuaram na educação infantil no ano de referência do levantamento. Já o ensino fundamental concentrou a maior parte dos profissionais da educação básica: 1.373.693 (62,7%) dos 2,2 milhões. Um total de 516.484 atuou no ensino médio. As professoras correspondiam à maioria em todas as etapas, segundo a pesquisa: 96,3% na educação infantil, 88,1% nos anos iniciais e 66,5% nos anos finais do fundamental, respectivamente. No ensino médio, 57,7% do corpo docente era composto por mulheres.

Sendo assim, na Educação infantil no ano de 2021 o quadro de professores

compostos por homens e mulheres e com uma somatória total de 595.000 professores, 572.995 destes docentes, eram do sexo feminino, enquanto que os homens somam apenas 22.005 cargos. Já no ensino fundamental, onde se encontra o maior número do professorado brasileiro com mais de 1.370.000 professores, 851.689 são mulheres ocupando assim mais de 80% dos docentes e até mesmo no ensino médio dos 516.484 professores, as mulheres estão a frente 298.011 das vagas, cerca de 57% (INEP, 2022).

Gráfico 3



Os 20 maiores cursos em número de matrículas por gênero no ano de 2018 (MEC), Blog Exame de Ordem (2018)

O Gráfico acima apresenta os cursos mais escolhidos por homens e mulheres no ano de 2018 em instituições de ensino superior públicas brasileiras, enquanto que na coluna feminina a pedagogia ocupa o primeiro lugar com um número de matrículas de 660.917 mil matrículas no ano de referência, na coluna masculina o curso de pedagogia ocupa o 19º lugar, com apenas 53.428 mil matrículas em todo país, uma diferença de mais de 600.000 mil alunos. Podemos ressaltar na figura acima que as mulheres buscam, com mais frequência, carreiras nas ciências sociais enquanto que os homens têm preferências pela área das ciências exatas.

Tais informações ressaltam que não somente na educação infantil, como também em todas as etapas da educação básica, a maior parte dos cargos são

sempre ocupados por mulheres e mesmo com o crescimento do desemprego no qual o Brasil passa atualmente, os homens ainda preferem seguir outros caminhos ao invés do magistério. É notável que nos cursos de administração, educação física, arquitetura, engenharia e direito em sua grande maioria tem suas salas compostas quase em sua totalidade por homens, segundo dados do INEP (2015).

Muitas vezes se notam também a presença destes em cursos de licenciatura por conta de status social, já que, com a expansão das universidades públicas e a criação do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM, trazendo mais oportunidades e acessibilidade, um diploma de nível superior passou a ser quase que uma obrigação, diferentemente dos vestibulares que ainda são realizados, mas não mais com a mesma frequência ou procura. Mas o acesso a cursos de licenciatura não se concretiza em profissões docentes, conforme os dados acima.

3. Conclusão

De acordo com os dados apresentados podemos encontrar diversos fatores que contribuíram de forma significativa para que as mulheres ocupem tanto espaço na educação infantil, enquanto que os homens, se mantêm de forma acanhada nessa etapa, por conta de fatores históricos, sociais e psicológicos que influenciam não só a ação pedagógica propriamente dita, como também as escolhas dos cursos de formação superior dos indivíduos, como pode ser observado no gráfico 3.

Em relação aos fatores históricos podemos destacar os mitos existentes em relação as funções dos homens e das mulheres nas famílias consideradas “tradicionais”, ou seja, aquelas que se enquadram no padrão homem-mulher e filhos(as). Nesse padrão o homem ocupa o lugar do provedor familiar, que trabalha fora e traz o sustento para a família, sendo responsável pela parte tocante ao dinheiro, além de ser o chefe da família que tem a última palavra em relação as decisões da casa e deve ser respeitado como figura autoritária. A mulher é a responsável pela educação das crianças, pelo mantimento do bom funcionamento da casa e por ser a parte afetiva da família, já as crianças são aquelas que devem estudar, obedecer e trazer orgulho aos seus provedores. Apesar de não parecer, essa composição familiar ainda é muito presente nos dias atuais na sociedade brasileira, principalmente por aqueles que são seguidores das religiões cristãs.

No decorrer da história da educação no Brasil foram estabelecidos muitos padrões e mitos que de forma inconsciente até, são reproduzidos nos dias atuais em salas de aula e fora delas, por exemplo, aqueles frequentemente discutidos e bastante conhecido pelo senso comum:

- *O mito da maternidade*: que afirma que a maternidade e o amor acompanham a mulher desde toda a eternidade e faz parte da natureza feminina.
- *O mito da paternidade e do homem provedor*: que trata da divisão das tarefas, deixando os cuidados dos filhos apenas para as mães, retirando as obrigações do homem, causando o afastamento dos homens de seus próprios filhos. Nessa situação o homem ocupa a função de provedor familiar e interfere na educação das crianças apenas para aconselhar ou aplicar punições por comportamentos indevidos.

Na educação, o exemplo a ser citado é a própria presença de muitas mulheres nas salas de aula ocupando os cargos de professoras, podendo influenciar nas escolhas de carreiras das meninas e dos meninos. As meninas, ao verem as mulheres professoras, criam afeição por aquela figura e se imaginam naquele ambiente, já os meninos que são cobrados desde cedo a seguirem os padrões de comportamentos dos pais, avôs e tios considerados por eles como uma figura forte, que exige respeito e que causam certos temores, procuram essa masculinidade em profissões que exigem força bruta e riscos, ainda considerados como símbolo de vigor e tenacidade dos indivíduos.

Os dados existentes a partir da década de 1930 até o ano de 2022, recorte de tempo para pesquisa desse trabalho, apresentaram que os ambientes escolares brasileiros de educação infantil, são presididos por mulheres em 100% dos censos realizados, e sempre com a porcentagem média acima de 80% de mulheres docentes em relação aos homens.

Sendo assim, pode-se atribuir essa disparidade, além dos fatores históricos aqui já mencionados, às questões psicossociais enraizadas na sociedade atual que convive diariamente com relatos de crimes com constância, como os de assédios e abusos sexuais ocorridos nos mais diversos ambientes, dentre eles, a escola. Tal fato influencia na escolha dos pais ao encontrarem com um homem ocupando o cargo de

professor em uma sala de aula, trazendo inseguranças, mesmo que possam ver que o profissional é bastante competente em suas funções, bem como na escolha do curso do jovem que acaba de sair do ensino médio e tem o desejo de seguir a carreira do magisterio.

É possível notar dentro das instituições de Ensino superior, pelos egressos do curso de pedagogia o discurso “pedagogia não era minha primeira opção”, como ocorre com todos os alunos (sexo masculino) da turma do décimo período da UFPI-CSHNB, estes ainda relatam não querer trabalhar com crianças pequenas.

Mas sem dúvidas, algo que me parece ser um importante decisivo para a evasão dos homens da educação infantil, levando em consideração todos os fatores sociais já apresentados, é a questão da remuneração. Os baixos salários dos professores de educação infantil no Brasil, aliados a uma jornada árdua e desgastante que demanda horas de planejamento, muita ética e esforço físico, a tornam extremamente desvalorizada. O piso salarial para o professor de educação infantil no Brasil ainda é, na maioria dos estados de R\$ 2.800,00 em média, mesmo com a aprovação do piso salarial de 2022 de R\$ 3.845,00, acontece que, mesmo com as propostas de aumento, muitos estados e municípios demoram a aderir ao piso e os profissionais, muitas vezes não podem fazer muita coisa para mudar a situação.

A partir disso, podemos também compreender em certos momentos o porque de os homens buscarem profissões que muitas vezes oferecem riscos, como por exemplo os cargos que exigem força, como carreiras policiais e agentes de forças de segurança, construção civil, metalúrgicas e até alguns cargos na área da saúde. O que não quer dizer que as mulheres também não seriam capazes de realizar as mesmas funções com a mesma qualidade, mas é fato que as mulheres ainda buscam carreiras que ofereçam mais segurança, já que são acompanhadas por certas inseguranças como por exemplo a maternidade, que exige muita atenção e esforço da parte da mulher, e por isso se torna mais comum enxergá-las em ambientes como consultórios de psicólogas, nutricionistas, serviços sociais e é claro, nas salas de aula de educação infantil, esta liderando as pesquisas dos cargos mais ocupados por mulheres no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos**: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006. nb.vieira@bol.com.br
- ARATANGY, Claudia. Um pouco de história da docência no Brasil – a Escola Normal, **centro de formação da vila**, 2019, disponível em <https://cfvila.com.br/blog/2019/09/20/um-pouco-de-historia-da-docencia-no-brasil-a-escola-normal/#:~:text=E%20n%C3%A3o%20era%20uma%20forma%C3%A7%C3%A3o,alguns%20anos%20e%20acabavam%20fechando>. Acesso em 26/02/2023.
- ARCE, Alessandra. **Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil**. in: Cadernos de Pesquisa, n. 113, pp. 167-184, julho de 2001.
- ASSUNÇÃO, Clara, Estudo da OCDE revela que a média salarial dos professores no Brasil está entre as piores, Rede Brasil atual, 2020, disponível em; <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/09/media-salarial-professores-brasil-ocde/>, acesso em 20/05/2022
- BERNARDI, Denise. Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos. **Psicologia Revista**, v. 26, n. 1, p. 59-80, 2017.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo da Educação Superior, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>, acesso em 21/03/2023.
- GIESELER, Maurício. BLOG EXAME DE ORDEM, **Número de estudantes universitários do Brasil na área jurídica por gênero**. Brasília (DF), 2018, Disponível em: <https://blogexamedeordem.com.br/curso-de-direito-e-a-maior-graduacao-do-brasil>, acesso em 22/03/2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996. BRASIL.
- BRITO, Leandro Neri; ARAS, Lina MB. Aspectos históricos da vida consagrada feminina no brasil: ser freira antes e depois do concílio vaticano II. **Seminário Internacional Florianópolis**, 2017.
- CONCEIÇÃO, Érica da. **A presença do educador do sexo masculino na educação**

- infantil: um estudo bibliográfico**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasil.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do século XX, Teresina: EDUFPI, 2008. 186 p.
- DE MELO CARDOSO, Helma. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 01, p. 319-332, 2018.
- FRAGA, Fernando. *Mais de 100.000 crianças não receberam o nome do pai este ano*, Agência Brasil, EBC - São Paulo, publicado em 28/08/2022, disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-08/mais-de-100-mil-criancas-nao-receberam-o-nome-do-pai-este-ano> , acesso em 21/03/2023.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia da escritora George Sand**, 2021, disponível em: https://www.ebiografia.com/george_sand/ , acesso em 04/01/2023.
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. **Cartas a quem ousa ensinar**, v. 10, p. 27, 1997.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Vozes, 1995.
- GATTI, Bernardete A. Formação de professores e carreira: problemas de movimento e renovação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- MANCHOPE, Elenita et al. A história do curso de Pedagogia no Brasil: da sua criação ao contexto após LDB 9394/96. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 3, n. 1, 2004.
- MILL, Daniel Ribeiro. TRABALHO DOCENTE, CLASSE SOCIAL E RELAÇÕES DE GÊNERO. **Trabalho & Educação**, v. 8, 2001.
- NOSSA CAUSA**, 2022, disponível em <https://nossacausa.com/quem-somos/> , acesso em 05/02/2023.
- PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. **Revista Histedbr on-line** , v. 9, n. 33, pág. 78-95, 2009.
- PEREIRA, Miriam Halpern. Demografia e desenvolvimento em Portugal na segunda metade do século XIX. **Análise Social**, p. 85-117, 1969.
- SANTOS, Marconi de Jesus et al. Caracterização da violência sexual contra crianças

e adolescentes na escola-Brasil, 2010-2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, 2018.

SOUSA, José Edilmar de. **Por acaso existem homens professores de educação infantil?**: um estudo de casos múltiplos em representações sociais. 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002. 2ª edição.

WALLON, H. (1973/1975b). **Níveis e flutuações do eu**. In: *Objetivos e métodos da psicologia*, trad. Francisco de Sousa. Lisboa: Estampa (coletânea), pp. 153- 172.

XAVIER, N. R.; ALMEIDA, B. C. de. Homens na Educação Infantil: reflexões acerca da docência masculina. **Horizontes - Revista de Educação**, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 109–120, 2017. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/horizontes/article/view/5958>. Acesso em: 19 maio. 2022.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 Monografia
 () Artigo

Eu, Maria Eduarda Rodrigues Veras,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02
 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente,
 sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Suicídio na profissão de educador infantil: um
estudo da docência
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de
 divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 05 de Agosto de 2023.

Maria Eduarda Rodrigues Veras
 Assinatura

 Assinatura